

Solôquio. Devir de Alta e Letra.  
ve B. Abril 1960

## POESIA E REALIDADE

Por SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

— Ignorante de versos é o poeta. —

Teixeira de Pascoaes

Se ponho antes das minhas palavras esta frase de Pascoaes não é porque ela desminta tudo quanto se possa dizer e tudo quanto eu possa dizer sobre poesia, mas sim porque ela afirma que toda a definição de poesia que eu possa encontrar está assente num limite.

Eu sei que nunca se dirá tudo o que a poesia é. Nenhuma análise, nenhuma teoria explicará o que a torna tão necessária a alguns homens e o que a torna tão indiferente a outros.

Aquele que tem o sentido da poesia reconhece-a imediatamente, como aquele que tem sede reconhece a água. Sem necessidade de análise, de conceitos ou de teorias.

Mas aquele que não tem o sentido da poesia não a reconhece nunca, por maior que seja a sua cultura e por mais vasta que seja a sua informação.

Nenhum sistema de filosofia, nenhum tratado de estética pode ensinar a distinguir um poema verdadeiro dum falso poema.

Sabemos da poesia que ela é uma necessidade, mas que não é uma necessidade geral.

Como necessidade, sabemos que ela é uma necessidade elementar e vital e não uma necessidade secundária.

De facto, um homem que precisa de poesia precisa dela, não para ornamentar a sua vida, mas sim para viver.

Precisa dela como precisa de comer ou de beber. Precisa dela como condição de vida, sem a qual tudo é apenas acidente marginal e cinza morta.

A palavra poesia é usada em três sentidos: Chamamos poesia à *Poesia em si*, independente do homem. Chamamos poesia à relação do homem com a Poesia do Universo. E chamamos poesia à linguagem da poesia, isto é, ao poema.

Para tornar claro o que vou dizer, chamarei Poesia à *poesia em si*, poesia à relação do homem com a Poesia e poema à linguagem da poesia.

### A POESIA

A Poesia existe em si — independente do homem. Realidade das coisas, ela existe mesmo onde ninguém a vê e onde ninguém a conhece <sup>(1)</sup>.

O homem da nossa época vê maravilhosas fotografias dos anéis de Saturno. É possível que nas futuras viagens interplanetárias o homem possa desembarcar em Saturno

e caminhar através da sua beleza, conhecendo a sua Poesia. Mas assim como a beleza já existia antes de o homem ali ter chegado, assim também a Poesia de Saturno é anterior às viagens no espaço, às fotografias dos observatórios e até ao facto de sabermos que Saturno existe e tem anéis.

Pois a Poesia é a própria existência das coisas em si, como realidade inteira, independente daquele que a conhece.

Porque não somos nós que criamos o mundo.

Se o poeta procura tanto a solidão, não é só para fugir ao rumor e à agitação, mas também para ver as coisas, quando elas estão sòzinhas. A emoção que sentimos ao entrar numa casa deserta ou num jardim abandonado, é a emoção de vermos como as coisas sem nós existem, na sua própria realidade, *em si*. É com esse *em si* que o poeta quer entrar em relação.

### A poesia

A poesia é a relação do homem com a Poesia. Ou melhor: a poesia é a relação pura do homem com as coisas. Isto é: uma relação do homem com a realidade, tomando-a na sua pura existência.

O poeta é aquele que vive com as coisas, que está atento ao Real, que sabe que as coisas existem <sup>(2)</sup>.

Pascoaes diz:

*Ninguém contempla as coisas admirado;  
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...  
E se olho a Terra, a flor, o céu doirado,  
Que infinda comoção me faz sonhar!*

Esta relação com a realidade é essencialmente *encontro* e não *conhecimento*.

A atitude do homem de ciência perante a Realidade é igual à atitude dum anatomista perante um corpo morto que ele estuda e analisa.

A atitude do poeta perante a Realidade é igual à atitude do amante perante um corpo vivo com o qual ele se encontra, vive, se une e se confunde.

A poesia só é conhecimento por consequência, isto é, na medida em que de todo o encontro nasce necessariamente conhecimento.

O poeta não tem curiosidade do Real, mas sim necessidade do Real. A verdadeira ânsia dos poetas é uma ânsia de fusão e de unificação com as coisas.

Ao longo de todos os poemas do mundo, os poetas pedem o abraço total com a Poesia. Diz Hölderlin:

*Concedei-me um só estio, ó Poderosas!  
E um outono ao meu canto maduro,  
Que o meu coração mais pronto do doce  
Jogo farto, então morra!*

*A alma que em vida o divino direito  
Não alcançou, também não repousa lá baixo no Orco;  
Mas se uma vez o Sagrado, aquilo  
Que ao peito me é caro, o Poema, atingir,*

*Bemvindo então, silêncio do reino das sombras!  
Contente estarei, ainda que a lira  
Me não acompanhe; uma vez*

*Terei vivido como os deuses e mais não preciso.*

(trad. de P. Quintela)

Esta fome de encontro absoluto com a Poesia está presente em todos os poetas, com mais ou menos força, com mais ou menos evidência.

A união com a Poesia e não o poema é a finalidade do poeta.

Mas por mais real que seja o encontro, nunca é total; por mais funda que seja a união, nunca é absoluta. A relação do homem com as coisas nunca é uma túnica sem costura. Há sempre uma lacuna. Essa lacuna o poeta leva-a como uma ferida na sua carne ou, como diz Hölderlin, como um espinho no seu peito. No poema «Fantasia ao anoitecer» ele diz o que essa lacuna é:

*Para onde irei eu? Vivem os mortais  
De soldo e trabalho; alternando em fadiga e repouso  
Tudo se alegra; porque não dorme então  
Nunca em meu peito o espinho?*

*No céu da tarde floresce toda uma primavera;  
Incontáveis florescem as rosas e tranquilo aparece  
O mundo áureo: oh! levai-me para lá,  
Nuvens purpúreas! e que lá em cima*

*Em luz e ar se dissolvam meu amor e dor! —  
Mas, como corrido da súplica louca, fuge  
O encanto; faz-se escuro, e solitário  
Sob o céu, como sempre, me encontro.*

(trad. de P. Quintela)

É nesta lacuna, nesta impossibilidade de fusão com a Poesia, nesta distância que o separa dos Deuses, que o espírito de Hölderlin se despedaça, vencido.

É perante esta lacuna que Rimbaud renega a Poesia, quebra a poesia e se refugia na aventura.

É é no momento desta lacuna que o poema surge como um medianoiteiro.

O poema vem como um intermediário, é ele que torna possível que a poesia não se quebre contra os seus próprios limites. Podemos dizer por isso que o poema é liberdade.

Mas Hölderlin e Rimbaud prosseguiram a sua busca para além do poema. Rimbaud diz:

*Non plus ces boissons pures  
Ces fleurs d'eau pour verres;  
Légendes ni figures  
Ne me désaltèrent.*

Entre a Poesia e a sua sede Rimbaud não aceita nenhum intermediário. Escreve ele:

*Et j'ai vu quelque-fois ce que l'homme a cru voir.*

Hölderlin diz-nos que achou «a estrada para os Deuses». Essa estrada ele a seguirá para além do poema e para além da loucura, quebrando o seu espírito na busca do encontro total.

### O poema

O terceiro sentido da palavra poesia é o poema.

É só neste sentido que a poesia é poiein — criar.

O poeta vê a Poesia, vive a poesia e faz o poema.

A Poesia e a poesia não são criação. São realidade e vivência. Porém o poema é criação, é um objecto a mais no mundo, uma realidade entre as realidades.

Mas a finalidade do poeta não é acrescentar objectos à natureza. O mundo não precisa nem de retratos que o repitam nem de ornamentos que o enfeitem.

O poema aparece, porque é necessário à existência do poeta. É por isso que Rilke diz que o único julgamento duma obra de arte está na sua origem.

Linguagem da poesia, o poema é mais do que uma expressão da poesia. É uma realização, uma forma de transformar em coisa o nosso amor pelas coisas.

O poema aparece como um medianoiteiro. Aparece ao lado da lacuna, que impede a união absoluta com a Poesia. É uma forma de tornar total o que estava incompleto.

Não podendo fundir totalmente a sua vida com a existência das coisas, o poeta cria um objecto em que as coisas lhe aparecem transformadas em existência sua.

Não podendo fundir-se com o mar e com o vento, cria um poema onde as palavras são simultaneamente palavras, mar e vento. Não podendo atingir a união absoluta com a Realidade, o poeta faz o poema onde o seu ser e a Realidade estão indissolúvelmente unidos.

Por isso o poema é o selo da aliança do homem com as coisas.

(1) Novalis diz: «A poesia é o autêntico real absoluto», mas a palavra absoluto dá à sua frase um sentido idealista a que não adire.

(2) É preciso aqui citar as palavras de Rimbaud: «J'ai une vision merveilleuse». E também as palavras de M. H. Vieira da Silva: «Os meus quadros têm sempre um ponto de partida real. É preciso não esquecer que o pintor se habitua a olhar para as coisas e sabe realmente como elas são, enquanto que os não-pintores só vêem por fórmulas».

O não-pintor, o não-poeta, vê por fórmulas e a sua visão é preconcebida e morta. A visão do poeta é original, limpa de intermediários, pura, viva e descobridora.